

**ANÁLISE DO NÍVEL DE ESTRESSE DOS ÁRBITROS DE FUTSAL
DA REGIÃO DE LONDRINA, PARANÁ**Murilo Luiz Burim¹
Arli Ramos de Oliveira¹**RESUMO**

O árbitro convive com ameaças, conflitos, pressões e medo de errar, na função de garantir o cumprimento das regras do jogo. Situações essas que podem desencadear o estresse e prejudicar o seu desempenho. Logo, o objetivo foi caracterizar o nível de estresse dos árbitros da região de Londrina, Paraná, pertencentes à Federação Paranaense de Futebol de Salão. Participaram 28 árbitros, com média de 33,2 ($\pm 6,3$) anos. Os instrumentos utilizados foram os questionários “Critério Brasil 2015” e “Teste de Estresse Psíquico dos Árbitros dos Jogos Esportivos com/sem contato – TEPA”. Para análise aplicou-se o Teste de Wilcoxon; Coeficiente de Correlação de Pearson; Qui-Quadrado e Exato de Fisher ($p \leq 0,05$). Não houve diferenças significativas e correlações entre variáveis e dimensões, exceto o nível socioeconômico na dimensão psicológica ($p=0,034$). “Competição desorganizada” e “Falta de segurança para chegar e principalmente voltar para casa” possuem as maiores médias de percepção de estresse. O desenvolvimento deste no árbitro independe de idade, sexo, experiência, nível de atuação ou escolaridade. A percepção de estresse é variável e individual. Árbitros com melhor renda média domiciliar apresentam menores índices de estresse.

Palavras-chave: Psicologia do Esporte. Esporte. Estresse Psicológico.

ABSTRACT

Analysis of stress level of the futsal referee from the region of Londrina, Parana

The referee coexists with threats, conflicts, pressures and fear of making mistakes in the search to ensure compliance with the rules of the game. Situations that might cause stress and impair their performance. Thus, the aim was to characterize the stress level of the referees from the region of Londrina, Parana belonging to the Paranaense Futsal Federation. 28 referees with a mean age of 33.2($\pm 6,3$) years were participated. The instruments were the questionnaires “The 2015 Brazil Criterion” and “The Psychic Stress Test of Sports Games Referees with/without contact”. For analysis was applied the Wilcoxon Test; Pearson Correlation Coefficient; Chi-Square and Fisher’s exact test ($p \leq 0,05$). There isn’t significant differences and correlations between variables and dimensions, except the socioeconomic level in the psychological dimension ($p=0.034$). “Disorganized competition” and “Lack of safety to arrive and mainly return to home” have the highest means of perceived stress. The stress development is independent of age, sex, experience, level of performance or schooling. The perception of stress is variable and individual. Referee with better average house incoming have lower stress indexes.

Key words: Sports Psychology. Sports. Stress.

1-Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina-PR, Brasil.

E-mail dos autores:
muriloburim@yahoo.com.br
arli_o@yahoo.com.br

Endereço para correspondência:
Murilo Luiz Burim
Rua Delaine Negro, 90, Ap. 310-A.
Londrina-PR, Brasil.
CEP: 81055-680.
Telefone: (43) 99663-4594

INTRODUÇÃO

O Futsal tem a presença de dois árbitros em quadra, designados para dirigir uma partida. Entre suas funções e responsabilidades está o fato de aplicar e garantir o cumprimento das Regras do Jogo por todos os elementos envolvidos: jogadores, técnicos e espectadores (FIFA, 2014).

Sua importância se manifesta no fato de que deve ser imparcial em suas decisões e ser capaz de, num mesmo instante, observar, constatar, interpretar, julgar e punir ou absolver um atleta.

De acordo com Cillo (2007), a atuação dos árbitros em muitos esportes é o ponto chave para o espetáculo, porém a garantia de uma boa atuação passa também por aliar um bom preparo técnico com uma boa preparação psicológica.

Porém, as relações entre esses elementos – atletas, técnicos, dirigentes e torcedores, além da própria dinâmica da modalidade, como na decisão da marcação de uma falta, uma penalização ou advertência, expulsão ou de um pênalti, por exemplo (Borges, 2014; Ferreira e colaboradores, 2009) podem causar divergências e gerar conflitos, de tal modo que pode ocasionar um alto nível de tensão e estresse nos oficiais e afetar seu desempenho ótimo (Boschilia, 2014; Silva, 2004).

O médico austríaco Hans Seyle concebia o estresse como “o esforço de adaptação do organismo para enfrentar situações que considere ameaçadoras à sua vida e a seu equilíbrio interno” (Seyle, 1981). O estresse pode ser considerado como uma resposta fisiológica, psicológica e comportamental de um sujeito e a procura deste se adaptar às pressões (ou fatores estressantes) internas e/ou externas (Lima, 2002) ou, ainda, a “percepção de estímulos que perturbam a homeostase” (Storey e colaboradores, 2016).

Esses fatores podem ser tanto situações, como acontecimento, um outro indivíduo ou até mesmo um objeto que seja capaz de provocar alguma tensão em nível emocional, induzindo à reação de estresse como frustração e ansiedade (Weinberg, 1999).

Nessa linha, Nitsch (1981) afirma que ao analisar o estresse deve-se considerar a interação entre o organismo, a personalidade

ou o sistema social. Compreendendo desse modo, o conceito de estresse é um produto tridimensional, isto é, biológico, psicológico e social.

Segundo Lima (2002), quando o cérebro interpreta alguma situação como ameaçadora (fator estressante), o organismo passa a desenvolver uma série de reações visando uma adaptação à esse estresse, desde alterações fisiológicas como lipólise, elevação da pressão arterial, aumento do débito cardíaco e frequência respiratória, liberação de adrenalina e cortisol até aos estados de nervosismo, ansiedade e sentimentos negativos que podem, inclusive, chegar ao *burnout* (abandono) da atividade.

Goldsmith e Williams (1992) analisando árbitros de Futebol e Voleibol, por exemplo, verificaram que o medo de errar e os agressores verbais eram os fatores mais determinantes para o desenvolvimento do estresse. No caso do Futebol, um esporte de contato, o estudo ainda apontou o medo de agressões físicas como outro fator muito forte.

Kaissidis e Anshel (1993), sobre as reações ao estresse de árbitros de Basquetebol na Austrália, apontaram que as situações mais intensas são quando erram na marcação de alguma falta (individual ou técnica), agressões verbais e físicas por parte de atletas, agressões dos treinadores e conflitos com os outros da equipe de arbitragem. No mesmo estudo, uma análise estatística indicou que os árbitros adolescentes (entre 14 e 18 anos) sentiam com maior intensidade o estresse em comparação aos árbitros adultos (acima de 19 anos).

Taylor e Daniel (1988) determinaram as seguintes origens do estresse entre os árbitros, em ordem decrescente: conflitos da função em relação à cultura; medo de falhas; conflitos interpessoais; pressões relativas ao controle do tempo; preocupações com a forma física; conflitos com os colegas e medo de lesões físicas.

Posteriormente, Taylor e colaboradores (1990) descreveram que a maioria dos árbitros tem dificuldade de lidar com insultos e crítica de atletas, técnicos, dirigentes e torcedores.

Além disso, os árbitros jovens possuem mais dificuldade quanto à isso e, apresentam maior frequência de abandono da arbitragem.

Entretanto, Samulski e Silva (2009) e Silva (2004) enfatizam que “o árbitro é formado pela sua experiência em quadra, na prática da arbitragem, na leitura e na compreensão das regras”.

Assim, o alto tempo de experiência e atuar em jogos de diversas categorias (local, regional, estadual, nacional e internacional) pode favorecer o controle do estresse na arbitragem.

Ferreira e colaboradores (2009), em um estudo com árbitros de futsal mineiros, concluem que o estresse na arbitragem está relacionado com o meio ambiente (chegar atrasado ao local do jogo, falta de segurança para chegar e principalmente voltar para casa), com as relações interpessoais (falta de responsabilidade do colega e outras pessoas) e com os processos cognitivos (ter consciência após o jogo do erro que cometeu, errar seguidamente).

O reconhecimento da figura do árbitro como um elemento fundamental e decisivo para o jogo de Futsal, somada à carência de publicações na área da arbitragem dessa modalidade, constituem aspectos importantes para o desenvolvimento de novos estudos nessa área.

A investigação de processos e consequências relativas à análise de comportamento no campo da Psicologia do Esporte, como é o estresse em um determinado indivíduo, contribui para um melhor entendimento e análise do contexto presente e fornece subsídios para o planejamento de melhor preparo psicológico de outros árbitros atuantes ou para os futuros árbitros dessa modalidade.

Dessa forma, considerando o contexto no qual os árbitros encontram-se inseridos, pergunta-se: Como os árbitros de Futsal estão lidando com o estresse? Quais as principais causas ou situações mais propensas a serem fontes estressoras? O nível de estresse no oficial sofreria influência de outros fatores como a idade, sexo, experiência ou nível socioeconômico?

Com isso, o objetivo do presente estudo foi caracterizar o nível de estresse dos árbitros de Futsal pertencentes ao quadro da Federação Paranaense de Futebol de Salão (FPFS) na região de Londrina, Paraná.

Além de identificar os fatores ou situações causadoras do estresse, analisar a percepção do estresse quanto às dimensões

constituintes e verificar a existência de associação de variáveis como a idade, o sexo, o nível socioeconômico e tempo de experiência e graduação com o nível de estresse.

MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo utilizou metodologia descritiva, com delineamento transversal (Thomas, Nelson e Silverman, 2012).

Participaram do presente estudo 28 (vinte e oito) árbitros registrados e atuantes do quadro da Federação Paranaense de Futebol de Salão (FPFS) e membros do Grupo de Árbitros Federados de Futsal (GAFF) da região de Londrina-PR.

Para fins de análise, não foram incluídos na amostra os oficiais de arbitragem registrados na FPFS como anotadores e/ou cronometristas. Os árbitros possuem faixa etária variando de 21 a 46 anos, com média de idade de 33,2 (\pm 6,3) anos.

A avaliação do nível de estresse psíquico dos árbitros de futsal foi feita através da aplicação de questionários.

O primeiro questionário foi o “Critério Brasil 2015” desenvolvido pela ABEP - Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa, na qual destina-se a avaliar a condição socioeconômica e sua classificação em estratos (A, B1, B2, C1, C2 e D-E) com valores que se baseiam na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD 2014 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

O segundo questionário aplicado foi o Teste de Estresse Psíquico dos Árbitros dos Jogos Esportivos com/sem contato – TEPA, desenvolvido e validado por Silva (2004).

A sua primeira parte é uma coleta de dados demográficos, relativos a informações como idade, sexo, escolaridade, profissão, tempo de arbitragem e nível de atuação na arbitragem (Estagiário, Regional, Estadual, Nacional ou Internacional).

A outra parte é constituída de um teste composto por 69 questões relativas às mais diversas situações que podem provocar estresse no oficial de arbitragem. Todas as questões do TEPA são avaliadas por meio de *Escala Likert*.

Como descrito por Silva (2004), essas questões apresentam-se numa forma tridimensional agrupadas da seguinte forma:

Estresse biológico (referem-se ao quanto aspectos físicos ou alterações fisiológicas como cansaço, fome, sono ou falta de preparo físico podem influenciar no seu desempenho esportivo); Estresse social (avaliam o árbitro e suas relações com os elementos do jogo como o fator ambiente, estrutural e equipes), e Estresse psicológico (analisam o árbitro nas suas possíveis reações geradas na busca do cumprimento do seu ofício e o quanto estas podem representar para o desenvolvimento de estresse, tais como comportamento de atletas, medos, preocupações, expectativas, ansiedades, concentração, atenção e motivação).

Todos os participantes que concordaram em participar voluntariamente do estudo assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Para coleta de dados, foram realizadas reuniões com os árbitros para a aplicação dos questionários. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina-PR sob parecer nº 1.670.980/2016, de 09 de agosto de 2016.

A análise dos dados foi tratada por meio da Estatística Descritiva, através de medidas de posição ou tendência central e medidas de dispersão quanto à média, desvio padrão, porcentagem e distribuição de frequências.

Além disso, após a verificação da normalidade dos dados, por meio do teste Shapiro Wilk, foi aplicado o Teste de Wilcoxon para análise de hipóteses não-paramétricas das amostras, na comparação entre as dimensões do TEPA, como recurso da Estatística Inferencial.

O Coeficiente de Correlação de Pearson foi utilizado para verificar a intensidade da associação linear existente entre as dimensões do questionário com as variáveis.

A associação entre as variáveis demográficas com a percepção de estresse foi verificada com o teste Qui-Quadrado para tendências e também com o teste Exato de Fisher.

Vale ressaltar que, para fins estatísticos, a percepção de estresse foi dicotomizada em “pouco”, quando os valores assinalados eram menores ou iguais a 2; e, “muito”, quando os valores marcados eram acima de 2.

Do mesmo modo, o nível de atuação dos árbitros foi analisado em dois grupos: estadual e nacional/internacional. Foi adotado o nível de significância de $p \leq 0,05$. Os dados foram processados no programa estatístico SPSS 20.0.

RESULTADOS

A amostra deste estudo foi constituída por 28 árbitros, sendo que 25 eram do sexo masculino (89,3%) e apenas 3 do sexo feminino (10,7%). A média de idade foi de 33,2 ($\pm 6,3$) anos.

A maioria dos árbitros (78,58%) possui Curso Superior completo. Com relação à profissão exercida como principal fonte de renda, destacam-se que 32,14% são estudantes, professores ou profissionais da área de Educação Física; 10,71% são policiais militares; 10,71% são empresários e 46,42% declararam outras profissões (funcionário público, vendedor, antenista, gerente comercial, gerente de território, educador social, frentista e motorista).

No que se refere à classe socioeconômica, 46,43% se encaixam na classe A, com estimativas da renda mensal média domiciliar de R\$ 20.272,56; 13 árbitros (46,43%) estão na classe socioeconômica B, com renda média domiciliar de R\$4.427,36 à R\$ 8.685,88; e, 7,14% estão na classe C, com renda média domiciliar de até R\$ 2.409,01, de acordo com os dados obtidos do questionário Critério Brasil da ABEP (2015).

A maioria dos árbitros entrevistados (82%) atuam apenas nas competições estaduais; 4 árbitros (14%) pertencem também ao quadro nacional (CBFS, 2015) e apenas 1 árbitro (4% da amostra) pertence ao quadro da FIFA e está apto para atuar em competições internacionais da modalidade. A média do tempo de atuação dos participantes como árbitros é de 9,5 ($\pm 5,7$) anos.

A Tabela 1 apresenta as médias e o desvio padrão encontradas nas dimensões do TEPA. Verifica-se que as três dimensões apresentaram médias que representam, de forma geral, um índice baixo de estresse (entre pouquíssimo e pouco, segundo o questionário).

Fazendo comparação para ver se existem diferenças estatísticas entre as dimensões, observa-se na Tabela 2 que não foram encontrados diferenças significativas (os

valores, segundo o teste de Wilcoxon, foram superiores a $p < 0,05$), isto é, não existe predominância de uma dimensão sobre a outra, sendo estes percebidos de uma forma equivalente entre os árbitros entrevistados.

Os resultados do questionário aplicado para os árbitros indicaram que os itens "Competição desorganizada" ($2,50 \pm 1,376$), "Falta de segurança para chegar e principalmente voltar para casa" ($2,50 \pm 1,239$) e "Chegar tarde ou atrasado no local do jogo" ($2,50 \pm 1,239$) como os maiores geradores de estresse nesse grupo de árbitros.

A análise correlacional entre as variáveis idade, escolaridade e tempo de atuação na arbitragem com as dimensões de estresse propostos no questionário TEPA indicaram uma correlação desprezível conforme Franzblau (1958) com as diferentes dimensões (os valores foram entre 0 e 0,3 negativo), de acordo com o estipulado pela Correlação de Pearson (Tabela 3).

Isto significa que os fatores idade, a escolaridade do árbitro ou mesmo o tempo de experiência na arbitragem não são indicativos de um determinado nível de estresse.

Tabela 1 - Média e Desvio Padrão das Dimensões do TEPA.

Dimensão	Média (\pm DP)
Dimensão Biológica	1,59 \pm 1,186
Dimensão Psicológica	1,47 \pm 1,063
Dimensão Social	1,52 \pm 1,113

Tabela 2 - Comparação entre as Dimensões do TEPA.

Dimensões	Psicológica-Biológica	Biológica-Social	Social-Psicológica
Z	0,8889	0,5237	1,0703
P-valor	0,370	0,6005	0,2845

Legenda: Correlação de Wilcoxon, * $p < 0,05$.

Tabela 3 - Correlações entre as dimensões e variáveis relacionadas à idade, escolaridade e tempo de atuação na arbitragem.

Dimensões	Psicológica	Biológica	Social
Idade	-0,285	-0,204	-0,205
Escolaridade	-0,258	-0,234	-0,295
Tempo de atuação	-0,133	-0,159	-0,060

Legenda: *Correlação de Pearson - (r).

A Tabela 4, por sua vez, estabelece as associações entre as variáveis escolaridade (sem Ensino Superior completo e com Ensino Superior), nível de atuação (estadual ou nacional e internacional), nível socioeconômico (classe A, B ou C) e sexo com a percepção de estresse ("pouco", quando os valores assinalados eram menores ou iguais a 2; e, "muito", quando os valores marcados eram acima de 2) nas situações estipuladas dentro de cada dimensão do questionário TEPA.

Mais uma vez, as variáveis consideradas não apresentaram significância nas dimensões biológica e social, pois os

valores observados no teste foram superiores a $p < 0,05$.

A única exceção foi o item NSE (nível socioeconômico) na dimensão psicológica ($p = 0,034$). Na ocasião, dos árbitros que tiveram uma percepção alta de estresse nessa dimensão, nenhum deles pertencia à classe mais alta socioeconômica (A); 83,3% pertenciam à classe intermediária (B) e 16,7% à classe mais baixa (C).

Já quanto aos árbitros que tiveram pouco ou nenhum estresse referente aos itens da dimensão psicológica, a maioria (59,1%) pertencia à classe A, enquanto 36,4% pertenciam à classe B e apenas 4,5% à classe C.

Tabela 4 - Associações entre as variáveis escolaridade, atuação, nível socioeconômico (NSE) e sexo com o nível de estresse nas dimensões do TEPA.

Dimensão Psicológica						
Nível de estresse		Pouco (≤ 2)		Muito (> 2)		P
		n	%	n	%	
Escolaridade	Sem superior	2	9,1%	2	33,3%	0,133
	Superior	20	90,9%	4	66,7%	
Atuação	Estadual	18	81,8%	5	83,3%	0,932
	Nacional/Internacional	4	18,2%	1	16,7%	
NSE	A	13	59,1%	0	0,0%	**0,034
	B	8	36,4%	5	83,3%	
	C	1	4,5%	1	16,7%	
Sexo	Feminino	2	9,1%	1	16,7%	0,595
	Masculino	20	90,9%	5	83,3%	
Dimensão Biológica						
Nível de estresse		Pouco (≤ 2)		Muito (> 2)		P
		n	%	n	%	
Escolaridade	Sem superior	2	10,5%	2	22,2%	0,409
	Superior	17	89,5%	7	77,8%	
Atuação	Estadual	16	84,2%	7	77,8%	0,678
	Nacional/Internacional	3	15,8%	2	22,2%	
NSE	A	9	47,4%	4	44,4%	0,55
	B	8	42,1%	5	55,6%	
	C	2	10,5%	0	0,0%	
Sexo	Feminino	3	15,8%	0	0,0%	0,207
	Masculino	16	84,2%	9	100,0%	
Dimensão Social						
Nível de estresse		Pouco (≤ 2)		Muito (> 2)		P
		n	%	n	%	
Escolaridade	Sem superior	2	9,1%	2	33,3%	0,133
	Superior	20	90,9%	4	66,7%	
Atuação	Estadual	18	81,8%	5	83,3%	0,932
	Nacional/Internacional	4	18,2%	1	16,7%	
NSE	A	12	54,5%	1	16,7%	0,120
	B	8	36,4%	5	83,3%	
	C	2	9,1%	0	0,0%	
Sexo	Feminino	2	9,1%	1	16,7%	0,595
	Masculino	20	90,9%	5	83,3%	

Legenda: *Teste Qui-Quadrado e Exato de Fisher; ** $p < 0,05$.

DISCUSSÃO

A análise dos resultados demonstra uma prevalência do sexo masculino na atuação (89,3%) contra apenas 10,7% do feminino.

Tal índice de superioridade também é verificado em Ferreira e colaboradores (2009), em Costa e colaboradores (2010), e menos evidente em Borges (2014), o que pode ser explicado por parâmetros culturais de prática e preferência esportiva nacionais, segundo essa autora.

Quanto à escolaridade, é interessante notar a grande quantidade de oficiais que possuem ou estão cursando o Ensino Superior (85,72%) juntamente com mais 7,14% que

estão cursando ou possuem Pós-graduação em nível de Mestrado.

Isso demonstra, conforme ressaltado por Silva (2004), Costa (2010) e Borges (2014), que a qualificação educacional dos árbitros tem aumentado com o passar do tempo devido às exigências requeridas pelas federações esportivas: que se preparem e se capacitem para buscar uma fonte complementar de renda.

Destaca-se também a elevada quantidade de profissionais de Educação Física nesse meio sobre as demais profissões (32,14%) corroborando com dados de Costa (2010) e, que pode ser explicada pela proximidade da atuação com as questões condizentes da área de estudo.

Numa outra análise que se refere à classe socioeconômica, segundo a pontuação obtida com o questionário Critério Brasil da ABEP (2015), 46,43% estão na classe socioeconômica A, com estimativas da renda mensal média domiciliar de R\$ 20.272,56, outros 46,43% estão na classe B, com renda média domiciliar de R\$ 4.427,36 à R\$ 8.685,88, e apenas 7,14% estão na classe C, com renda média domiciliar de até R\$ 2.409,01.

Esses dados indicam que a maioria dos árbitros possui uma boa condição financeira, na soma de todas as rendas obtidas na família, e com valores bem acima da renda média nacional em 2015, de R\$ 1.113,00 (ABEP, 2015).

Outro fator interessante é a alta porcentagem de árbitros (82%) que se encontram em nível de atuação mais abaixo (estadual) em comparação com os de atuação em nível nacional (14%) e internacional (4%). Tal fato demonstra o alto e rigoroso processo de seleção na qual os árbitros da modalidade são submetidos, semelhante ao que acontece em outros esportes e outras funções. Do total de árbitros de Futsal registrados no país, apenas 8 deles pertencem ao quadro da FIFA (4 homens e 4 mulheres).

As altas médias referente à idade, tempo de experiência prática, bem como a atuação em diversos níveis (seja local, regional, estadual, nacional e até internacional) e categorias (do infantil ao adulto) corroboram os estudos de Samulski e Silva (2009), e Silva (2004), que afirmam que o árbitro é formado por sua experiência prática em campo, na leitura e compreensão das Regras do Jogo.

Quando foram comparados os resultados das diferentes dimensões contidas no questionário TEPA, não ocorreu diferença significativa, ou seja, nenhuma dimensão se sobrepôs às outras. Tal dado indica a não percepção dos árbitros que participaram desse estudo de uma dimensão que venha a ser uma possível fonte relevante causadora de estresse, corroborando com estudos de Ferreira e colaboradores (2009), Costa e colaboradores (2010) e Borges (2014).

Além do mais, esses resultados reforçam o tema defendido por Samulski (2002) e proposta por Nitsh (1981), em que é importante conceber o estresse como um produto tridimensional, com a interação

simultânea entre os sistemas biológico, psicológico e social nas suas constantes relações entre o meio ambiente, a tarefa e o indivíduo. Há, portanto, uma dependência recíproca entre esses sistemas.

Assim, questões sociais, por exemplo, são influenciadas através de fatores psicológicos, na qual ambos podem tornar-se grandes influenciadores de respostas biológicas segundo Samulski e colaboradores (2002).

Na prática, isso significa que quando ocorre algo como uma infração, no contexto da ação esportiva, aspectos pertinentes como a reação das pessoas envolvidas naquele ambiente - jogadores, técnicos e torcida (dimensão social) acrescido dos fatores como o placar, a magnitude da falta, pressão e tensão do adversário e torcedores (dimensão psicológica) são capazes de provocar diferentes alterações fisiológicas no árbitro de futsal, tais como descargas de adrenalina, aumento da frequência cardíaca, respiratória e da pressão arterial, entre outras (dimensão biológica).

Em sequência, tais estímulos advindos da arbitragem do jogo e somados à percepção de ameaça, podem ocasionar sentimentos de ansiedade, tensão, nervosismo, preocupação e ativação do Sistema Nervoso Autônomo, como descrito por Spielberg (1989). Isso é suficiente para desencadear uma reação de estresse, o que, dependendo do oficial, pode até comprometer o seu desempenho na partida.

Os principais resultados específicos do estudo apontaram que a “Competição desorganizada”, “Falta de segurança para chegar e principalmente voltar para casa”, “Chegar tarde ou atrasado no local do jogo”, “Errar seguidamente” e “Violência na arquibancada”, como os fatores que apresentaram médias mais elevadas de percepção de estresse do grupo.

Tais fatores corroboram com os encontrados por Ferreira e colaboradores (2009) no Futsal, mas cuja principal fonte que causa o estresse verificado é “Falta de responsabilidade do colega e outras pessoas”, além de também destacar o “Errar seguidamente”.

No estudo de Borges (2014) para o voleibol, os principais resultados do TEPA foram “Chegar tarde ou atrasado no local do jogo”, como também “Errar nos minutos

decisivos” e “Errar em situações claras”. Já em Costa e colaboradores (2010) os resultados encontrados com maiores valores do TEPA em árbitros de futebol foram “Não poder cumprir uma escala”, “Falta de responsabilidade do colega e outras pessoas” e “Não ter reconhecimento e/ou valorização”, indicando uma particularidade e diferentes preocupações dos árbitros em cada modalidade.

Com isso, percebe-se de forma geral nesses estudos, a grande preocupação dos árbitros com questões quanto à pontualidade e organização. Tal motivo é devido à preocupação do árbitro com sua imagem de disciplina e autoridade, como também com outros aspectos e consequências advindas de um possível atraso ou erro de interpretação do regulamento de um campeonato que pode ocasionar multa ou não mais ser escalado para os próximos jogos.

Destaca-se também o fato de cometer um erro como sendo um dos principais geradores de estresse, segundo os árbitros. Não importando o momento ou a forma em que é cometido (em situações claras, minutos equivocada é capaz de desencadear conflitos entre jogadores e Comissão Técnica com o árbitro, e despertar a fúria e ódio da torcida, podendo levar à situações de extrema violência ou falta de segurança – outros potenciais geradores de estresse para o oficial, conforme apontados em diversos estudos (Goldsmith e Williams, 1992; Kaissidis e Anshel, 1993; Taylor e Daniel, 1988).

Contudo, na determinação de quais variáveis poderiam ser decisivas ou determinantes para a percepção de estresse, os testes estatísticos não foram capazes de apontar algum fator relevante. Os resultados sugerem que o nível de estresse que o oficial percebe não está relacionado com a idade (contrariando estudos de Kaissidis e Anshel, 1993), bem como independe de sua formação educacional (contrariando estudos de Dorsh e Paskevich, 2007), sexo ou nível de atuação.

Dessa forma, as diferentes situações encontradas no contexto esportivo podem ser encaradas de formas diferentes e de maneira peculiar a cada um, ou seja, é um atributo singular de percepção individual, não sendo atrelado ou explicado numa forma geral por esses fatores, mas por questões relativas ao

próprio indivíduo, o seu estilo de vida e o modo como encara o estresse, por exemplo, conforme relata Nahas (2013).

Assim, a explicação do item do nível socioeconômico como a única variável de significância ($p=0,034$) pode ser um reflexo do que fora comentado anteriormente: árbitros com melhor renda média domiciliar apresentam menores índices de estresse em comparação a aqueles de condição socioeconômica mais baixa. Os sujeitos na condição socioeconômica mais elevada podem não depender financeiramente de sua respectiva remuneração como árbitro ou ainda apresentar um modo de vida equilibrado ou harmônico, o que implica em menor percepção ou reação quanto aos agentes estressantes da partida.

Com base nos resultados do estudo, conclui-se que o desenvolvimento do estresse no oficial de arbitragem desse grupo analisado independe de fatores como idade, sexo, experiência, nível de atuação ou escolaridade.

A percepção de estresse é variável e estaria relacionado a uma percepção própria e individual.

Contudo, os testes apontaram que os árbitros com melhor renda média domiciliar apresentam menores índices de estresse em comparação a aqueles de classe socioeconômica mais baixa.

Os árbitros concebem o estresse como um produto tridimensional, com a interação simultânea entre os sistemas biológico, psicológico e social, sem sobreposição de um aspecto sobre o outro.

Além disso, os resultados específicos do estudo apontaram que a “Competição desorganizada”, “Falta de segurança para chegar e principalmente voltar para casa”, “Chegar tarde ou atrasado no local do jogo”, “Errar seguidamente” e “Violência na arquibancada” como os fatores que apresentaram médias mais elevadas de percepção de estresse do grupo. Assim, o árbitro para um bom desempenho de sua função, além de ter um conhecimento das regras e um bom preparo físico, deve se preocupar também com seu preparo psicológico.

Para futuros estudos envolvendo essa temática, sugerem-se intervenções no sentido de o árbitro aprender como lidar com pressões e potencializar melhores tomadas de decisões,

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

a fim de controlar o desenvolvimento do estresse e evitar erros.

As federações do país não deveriam negligenciar esses aspectos, e oferecer aos árbitros condições para o desenvolvimento de uma preparação mais adequada do ponto de vista psicológico.

Sugere-se ainda uma amostra com maior número de árbitros em outras localidades do país, realizando-se no formato estadual e nacional, a fim de caracterizar o perfil do árbitro de Futsal em nível de Brasil.

REFERÊNCIAS

- 1-ABEP (Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa). Critério Brasil 2015. Disponível em: <<http://www.abep.org/criterio-brasil>>. Acesso em 27/05/2016.
- 2-Borges, J. C. S. Análise do nível de estresse em árbitros e apontadores de vôlei do Distrito Federal. Brasília: UniCEUB, 2014. Trabalho de Conclusão de Curso. Bacharelado em Educação Física. Faculdade de Ciências da Educação e Saúde. Centro Universitário de Brasília, 2014.
- 3-Boschilia, B. Elementos para o trabalho de preparação psicológica dos árbitros de Futsal do Paraná. Curitiba: FPFS, 2014. Curso de Formação de Oficiais de Arbitragem de Futsal – 4º Bloco – Psicologia Desportiva.
- 4-Cillo, E. Análise de jogo como fonte de dados para intervenção em psicologia do esporte. In Rubio, K. (Org.) Psicologia do Esporte Aplicada. São Paulo. Casa do Psicólogo. 2007.
- 5-Confederação Brasileira de Futebol de Salão-CBFS. O esporte da bola pesada que virou uma paixão. 2015. Disponível em: <<http://www.cbfs.com.br/2015/futsal/origem/indic.html>>. Acesso em: 28/05/2016.
- 6-Costa, J. Inteligência geral e conhecimento específico no futebol. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto. Portugal. 2010.
- 7-Costa, V.; Ferreira, R; Penna, E.; Costa, I.; Noce, F.; Simim, M. Análise do estresse psíquico em árbitros de futebol. Revista Brasileira de Psicologia do Esporte. São Paulo. Vol. 3. Núm. 2. p. 2-16. 2010.
- 8-Dorcsh, K. D.; Paskevich, D. M. Stressful experiences among six certification levels of ice hockey officials. Psychology of Sport and Exercise. Núm. 8. p. 585-593. 2007.
- 9-Fédération Internationale de Football Association (FIFA). Futsal: Laws of the game 2014-2015. Zurich: FIFA. 2014. Disponível em: <http://resources.fifa.com/mm/document/footballdevelopment/refereeing/51/44/50/lawsofthegamefutsal2014_15_eneu_neutral.pdf>. Acesso em: 30/01/2016.
- 10-Ferreira, H. C. A.; Simim, M. A. M.; Noce, F.; Samulski, D.M.; Costa, V.T. Análise do estresse em árbitros de futsal. Coleção Pesquisa em Educação Física. Vol. 8. Núm. 1. p. 43-48. 2009.
- 11-Franzblau, A. A primer of statistics for nonstatisticians. New York: Harcourt, Brace e World. 1958.
- 12-Goldsmith, P. A.; Williams, J. M. Perceived stressors for football and volleyball officials from three rating levels. Journal of Sport Behavior. Vol. 15. Núm. 2. p. 106. 1992.
- 13-Kaissidis-Rodafinos, A.; Anshel, M. H. Sources of and responses to acute stress in adult and adolescent Australian basketball referees. Australian Journal of Science and Medicine in Sport. Vol. 25. p. 97-103. 1993.
- 14-Lima, J. C. Estresse policial. Via Digital. 2002.
- 15-Nahas, M. V. Atividade Física, saúde e qualidade de vida: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo. 6ª edição. Midiograff. 2013.
- 16-Nitsch, J. Stress: theorien, untersuchungen und massnahmen. Stuttgart, Alemanha. Verlag Hans Huber. 1981.
- 17-Samulki, D; Noce, F.; Chagas, M. Estresse. In Samulski, D. Psicologia do Esporte. Manole. p. 157-194. 2002.
- 18-Samulski, D.; Silva, S. P. Psicologia aplicada à arbitragem. In Samulski, D. (Ed.).

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

Psicologia do Esporte: conceitos e novas perspectivas. Manole. p. 461-486. 2009.

19-Seyle, H. Geschichte und grundzüge des stresskonzepts. In Nitsch, J. Stress: theorien, untersuchungen und massnahmen. Stuttgart. Alemanha. Verlag Hans Huber. 1981.

20-Silva, S. A. Construção e validação de um instrumento para medir o nível de estresse dos árbitros dos jogos esportivos coletivos. Dissertação de Mestrado em Educação Física. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2004.

21-Spielberger, C. Stress and anxiety in sports. In: Hackford, D.; Spielberger, C. Anxiety in Sports: an International Perspective. New York. Estados Unidos. Hemisphere Publishing Corporation. 1989.

22-Storey, A. G.; e colaboradores. Stress responses to short-term intensified and reduced training in competitive weightlifters. Scandinavian journal of medicine & science in sports. Vol. 26. Núm. 1. p. 29-40. 2016.

23-Taylor, A. H.; Daniel, J. V. Sources of stress in soccer officiating: An empirical study. In: Science and football: Proceedings of the first World Congress of Science and Football. 1988. p. 538-544.

24-Taylor, A. H.; e colaboradores. Perceived stress, psychological burnout and paths to turnover intentions among sport officials. Journal of Applied Sport Psychology. Vol. 2. Núm. 1. p. 84-97. 1990.

25-Thomas, J.; Nelson, J.; Silverman, S. Métodos de pesquisa em atividade física. 6ª edição. Porto Alegre. Artmed. 2012.

26-Weinberg, R. Foundations of sport and exercise psychology. 2ª edição. Champaign. Estados Unidos. Human Kinetics. 1999.

Recebido para publicação em 25/10/2017
Aceito em 01/01/2018